

Edson Natale

# guia brasileiro

DE PRODUÇÃO CULTURAL 2001



INSTITUTO  
**SUBA**

**SESC**  
SÃO PAULO

 The  
British  
Council

**Direção geral**

Edson Natale  
Natale/mpa  
www.natale.com.br

**Equipe de apoio**

Cláudia Levental, Edson Mazzari, Eduardo  
Moreira, Lia Mity Ono, Márcia Salgado,  
Maristela Gamba, Naiá Deion, Rina  
Colombo, Roberto Gonçalves,  
Sonoe Juliana

**Capa**

Didiana Prata e Fernanda Ficher  
Ilustração de Fernando Fiuza

**Projeto gráfico**

Didiana Prata

**Editoração**

Fernanda Ficher, Fabiana Rodrigues

**Preparação e revisão**

Mauro Feliciano

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Guia brasileiro de produção cultural/direção geral  
Edson Natale. -- São Paulo: Natale M.P.A., 2001.

Vários consultores e entrevistados.

1. Cultura – Brasil I. Natale, Edson.

01-0978

CDD-306.40981

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Brasil: Produção cultural: Guias 306.40981
2. Produção cultural: Guias Brasil 306.40981

**Helena Katz**

## O Corpo que Dança

A cultura faz parte do bolo do PIB, da produção de massa crítica, da produção do conhecimento...

Gil Grossi



**Edson Natale - Você tem uma formação e uma trajetória muito instigantes, poderia falar um pouco sobre isso?**

Helena Katz - Eu me graduei em filosofia, sempre mantive interesse por biologia e medicina, estudei um pouco de matemática, me formei também em música e virei jornalista especializada

em dança. Decidi que iria estudar filosofia aos catorze anos e nem imaginava que seria a escolha mais sensata que faria na vida, porque hoje em dia é a filosofia que me possibilita estar na PUC-SP trabalhando com teorias científicas e me ajudando a encontrar um lugar para as artes do corpo na universidade, para que a universidade "fale" com esse tipo de produção, e também para conseguir fazer um tipo de jornalismo cultural que abrigue a dança de uma outra maneira. Venho trabalhando com teoria da evolução e em uma área razoavelmente recente chamada ciências cognitivas para entender como o corpo faz para conhecer e para aprender. E uso a semiótica (que é também uma espécie de filosofia) para ler essas duas áreas. É juntando tudo isso que estudo o corpo – o corpo que dança.

**Você disse que uma das funções do seu trabalho é encontrar um lugar na universidade para que ela "fale" com a arte. Por que esse "diálogo" não existe normalmente?**

O entendimento de que a cabeça pensa e o corpo age trouxe alguns males perversos. Um deles é o de permitir que se diga que o corpo pertence à prática

e a cabeça à teoria. Assim, só a teoria poderia estar na universidade, que é considerada um lugar de produção de saber. No Brasil, também a ditadura, que tanto perseguiu as artes e muito estrangulou a educação com o expurgo de professores das nossas universidades, e mais a ausência de boas políticas públicas colaboraram para a universidade fechar-se. Nesse universo *intra muros* foram criadas "línguas próprias" e os falantes desses dialetos formaram comunidades autônomas, dedicadas à produção de conhecimento somente para quem está "dentro dos muros". A universidade perdeu a conectividade com a sociedade e a inserção das artes, que é recente na história das universidades brasileiras, colabora profundamente para que as portas das universidades funcionem no fluxo de "vaivém".

### **E, no cotidiano da sociedade em geral, as atividades culturais são ferramentas de transformações sociais?**

A sociedade também tem dificuldade em entender as atividades culturais como produtoras de conhecimento para todos, e não somente para alguns poucos eleitos. Os meios de comunicação são os responsáveis pela massificação de certos valores em detrimento de outros. Em se tratando de produção cultural, ou ela não ocupa ou ocupa um "cantinho" muito reservado na mídia. Temos poucas chances para

mostrar para a sociedade o que é e para que serve a cultura. E precisamos, de uma vez por todas, romper com essa idéia de que é preciso escolher entre "dar" dinheiro para cultura ou "dar" dinheiro para os transportes, para a saúde ou para a segurança... Na cabeça do cidadão comum, existe uma verdade incontestável: é melhor tapar o buraco da minha rua do que promover atividades culturais...

### **E como explicar o valor do "bem" cultural ao cidadão comum?**

Ofertando muitas e diferenciadas oportunidades de ele desfrutar desses bens para que possa experimentar sozinho como esse "bem" cultural colabora com a qualidade da sua vida e ajuda a sua sobrevivência tal qual o transporte, a saúde e a segurança! Não podemos sequer continuar a aceitar que as pessoas enunciem essa falsa opção porque não se pode aceitar a possibilidade de uma escolha entre transporte ou cultura, por exemplo.

Se isso acontece, é porque somos incapazes de encontrar meios de expressar a importância das ações culturais e como elas beneficiam a sociedade brasileira: a população não tem idéia da quantidade de empregos que as atividades culturais geram, nem tampouco de que isso contribui para o PIB, ou de que cultura gera bens simbólicos dos quais não podemos prescindir. O que acontece quando se fala em cultura,

*grosso modo*, é o seguinte: fica restrita ao quadro do museu que o cidadão não entende ou à orquestra sinfônica que ele talvez ache que toca músicas muito compridas...

### **Você pode explicar o que são bens simbólicos?**

Sem sonhos, sem lazer, sem prazer, o homem não sobrevive. Desde sempre os homens sentiram necessidade de produzir maneiras de superar a morte. Quando alguém deixa algo escrito, compõe ou pinta, por exemplo, está fazendo isso, ou seja, pondo no mundo algo que tem chance de durar mais do que o tempo da existência de quem fez. Desde as primeiras cavernas que o homem usou para se proteger dos bichos, o fato de se sentir protegido não bastou; ele precisou fazer um desenho nas paredes da caverna para se sentir forte o suficiente na hora de enfrentar o bicho que o ameaçava lá fora, e até colocou cor neste desenho. Ou seja, atribuiu a esse desenho funções simbólicas. Isso se constitui como um traço de sobrevivência. Quando você compra aquela determinada camiseta e não outra qualquer, aquilo que faz você decidir é o que vem agregado simbolicamente naquela camiseta, aquilo que ela representa, e não ela enquanto um pedaço de roupa que tem a função de vestir e proteger o corpo.

**É sempre a questão: para a maioria**

**continuamos a ser o *chantilly* do bolo...**

Exatamente, e aí não importa se existe ou não o *chantilly*, o importante é o bolo... A cultura faz parte do bolo do PIB, da produção de massa crítica, da produção do conhecimento... temos que encontrar mecanismos que nos permitam informar por que a cultura e a educação são indispensáveis e por que são parceiras: uma precisa da outra para a sobrevivência mútua.

### **Por que existe esse distanciamento entre educação e cultura? Por que a dificuldade em vê-las atuando juntas, de maneira complementar?**

Durante a ditadura, retirou-se do processo educacional qualquer variável que desenvolvesse a reflexão e a crítica porque um indivíduo que pensa e argumenta se torna menos controlável. Eu tenho 51 anos e, quando estudei, tínhamos aulas de filosofia, latim, lógica, música, trabalhos manuais... e junto com elas você acabava desenvolvendo uma coisa que ficou muito perigosa: contato com as artes e estímulo continuado para a reflexão crítica. O imenso poder do bem simbólico está na dificuldade de ele ser controlado, por isso era muito perigosa uma educação que se propusesse a fazer mais do que treinar alguém a repetir conteúdos. Com a recente reintrodução da filosofia na escola, os frutos serão colhidos daqui a dez anos, através da formação de uma população mais crítica e reflexiva. Mas

isso não se transforma instantaneamente nos números que devemos apresentar ao FMI e a política educacional é planejada na base desses números...

**Nessa época houve algum bem simbólico na área cultural que fugisse da censura?**

Nos anos 70 assistimos ao enorme, extraordinário e inigualável sucesso do Ballet Stagium no Brasil. Isso foi uma espécie de resposta a uma necessidade que estava completamente sufocada: tudo o que usava a palavra estava censurado e o Stagium conseguiu, através da dança, se tornar a voz da resistência cultural à repressão da ditadura militar. Seu público era formado por universitários, intelectuais, professores, políticos, donas de casa, jovens, profissionais liberais que encontravam nele um valor simbólico poderosíssimo, e que era muito difícil de ser "captado" pelos censores. Foi maravilhoso ver e sentir a força da dança nesse contexto...

**E, hoje em dia, se alguém chegasse até você dizendo "eu quero dançar profissionalmente", o que você diria para esta pessoa?**

A primeira coisa seria perguntar: o que você quer dançar? Você tem de saber se quer dançar fandango, à Bolshoi ou como o Michael Jackson. Porque existem diferenças enormes na formação de um ou de outro, assim como existe diferença na formação entre

um guitarrista de *heavy metal* e um violonista clássico... A partir dessa escolha, é necessário fazer um "plano de carreira", contabilizando tantos anos de estudo em tais e tais escolas, com tais e tais professores. A partir daí, é sempre muito estudo, muita pesquisa e a necessidade de se manter sempre o mais bem informado possível.

**Quais as dificuldades para o profissional de dança? Ainda existe muito preconceito do tipo "dança é coisa de veado".**

As dificuldades são equiparáveis às outras profissões e são enormes... todos sabemos disso. Quanto a esse tipo de preconceito, minha posição é a seguinte: não se deve buscar responder se é ou não, porque o que interessa é saber se a dança é ou não possível como mercado de trabalho. Gente que fala assim é gente que sai à noite e se "diverte" espancando travestis e homossexuais! O preconceito é uma doença, (é uma pena que não seja fatal...). A questão, como em qualquer outro campo, deve ser outra: aquele é ou não é um bom profissional? O sujeito dança bem ou mal? A opção sexual de cada um não importa para ninguém. Mas não é só esse o preconceito, há outros, como aquele que garantia que, para ser bailarino, só com corpo de modelo, perfeito. A dança contemporânea ajudou a quebrar "verdades" do tipo "gordos não dançam". Ué?! E, se você for gordo e bom, não vai poder dançar? Qual

é o problema? Não tem jeito, voltamos às questões iniciais: preconceito acaba-se com educação continuada.

### **No seu entender, qual é o grande nó da cultura brasileira hoje?**

Difusão cultural e manutenção de um circuito. A produção existe e está viva em todas as áreas: ópera, teatro, dança, circo, música, artes plásticas... para onde você olhar, encontra produção de qualidade. Vai chegar a hora em que aquela ficção, chamada Ministério da Cultura, vai precisar se materializar e, finalmente, começar a funcionar. Nesse dia, começaremos, por exemplo, a dispor de um circuito para os trabalhos profissionais, que, assim, deixarão de acontecer apenas durante uma semana ou duas por ano e apenas num local. Precisamos escoar a produção e, quando isso acontecer, formaremos público, estaremos criando oportunidades para qualificar outros profissionais (iluminadores, cenógrafos, maquiagem, bilheteiros etc.), estaremos gerando mais empregos e mais renda...

### **E a política cultural brasileira?**

Não existe. O atual Ministério da Cultura não possui um projeto de política cultural até hoje, e já se passaram seis anos! O governo se queixa de que o segmento cultural não é organizado e que não sabe utilizar os mecanismos existentes... Isso é um problema sério! Um ministério que se es-

conde atrás de uma afirmação dessas desconhece o seu papel, pois, se esse é o problema, é necessário que o ministério planeje solucioná-lo. Se essa é a dificuldade que detecta, deveria saber lidar e apresentar propostas para sanar aquilo que produz tal tipo de comportamento. Afinal, não é ele o gestor do segmento cultural? Não vale se esquivar das suas responsabilidades apontando uma falha que é endêmica, estrutural... O Ministério da Cultura deveria conhecer as particularidades desse ambiente, ajudar a fortalecê-lo com mecanismos que o tornem capaz de se organizar melhor. Ficar dizendo que não pode fazer porque as pessoas estão despreparadas é, no mínimo, arrogante e preguiçoso. Ao contrário disso, é preciso, sim, ajudar a preparar esses profissionais.